

Prática médica e cura no Egito Antigo ou: o que pode ser feito em quatro dias?*

*Healing and medical practice in Ancient Egypt, or: What can be
done in four days?*

Camilla di Biase-Dyson**

Michael Schultz***

Nina Wagenknecht****

Tradução de Victor Sancassani*****

Resumo: O presente artigo considera quais períodos de tempo aparecem nos textos médicos do Egito Antigo e por que esses períodos específicos de tempo são mencionados, uma problemática que tem sido abordada parcimoniosamente na literatura até então. O estudo fornece uma análise quantitativa dos períodos de tempo em seu contexto textual e examina a que o período de tempo de “quatro dias” poderia potencialmente se referir, dado o conhecimento médico atual sobre o tópico da cura. O estudo considera uma gama de teorias sobre os períodos de tempo, fazendo referência a dois estudos de caso: um sobre os períodos de tempo no Papiro médico Hearst e outro sobre períodos de tempo diferentes de quatro dias ao longo do corpus médico faraônico. Ele também considera o contexto mítico do número quatro e conclui com uma visão geral sobre se as mudanças nas tradições médicas e religiosas após o período faraônico levaram ao uso de novos números nos textos de cura.

Abstract: This paper considers what time periods appear in Ancient Egyptian medical texts and why these specific time periods are mentioned, an issue that has been sparingly addressed in the literature to date. The study supplies a quantitative analysis of time periods in their textual context and considers what the ‘four-day’ time period could potentially be referring to, given current medical knowledge on the topic of healing. It considers a range of theories about the time periods with reference to two case studies, on time periods in the medical Papyrus Hearst and on time periods other than four days across the pharaonic medical corpus. It considers the mythical context of the number four and concludes with an overview of whether changes in medical and religious traditions after the pharaonic period led to the use of new numbers in healing texts.

Palavras-chave:

Egito Antigo.
Textos médicos.
Medicina.
Períodos de tempo.
Números.
Mito.

Keywords:

Ancient Egypt.
Medical texts.
Medicine.
Periods of time.
Numbers.
Myth.

Recebido em: 08/04/2024

Aprovado em: 04/09/2024

* O presente artigo é uma tradução autorizada, sob a licença CC BY-NC-ND, do original DI BIASE-DYSON, C; SCHULTZ, M; WAGENKNECHT, N. Healing and Medical Practice in Ancient Egypt, or: What Can Be Done in Four Days? In: ATANASSOVA D; FEDER F; STERNBERG EL-HOTABI H. (ed.). *Pharaonen, Mönche und Gelehrte: Auf dem Pilgerweg durch 5000 Jahre ägyptische Geschichte über drei Kontinente. Heike Behlmer zum 65. Geburtstag* (Texte und Studien zur Koptischen Bibel; vol. 4). Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, p. 197-217, 2023. Agradecimentos à Harrassowitz Verlag e, em especial, aos autores pela permissão desta publicação em Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos.

** Professora do Departamento de História e Arqueologia da Macquarie University.

*** Coordenador do grupo de pesquisa Paläopathologie no Instituto de Anatomia e Embriologia, na Universidade de Medicina de Göttingen.

**** Doutoranda de Egiptologia da Universidade de Göttingen.

***** Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Introdução: períodos de tempo nos textos médicos do Egito Antigo

O objetivo deste artigo é considerar quais períodos de tempo aparecem nos textos médicos no Egito Antigo e por que esses períodos específicos de tempo são mencionados.¹ Adota-se tanto as abordagens sincrônica quanto diacrônica aos dados e considera-os a partir das perspectivas médica, textual e também religiosa. A problemática dos períodos de tempo foi abordada geralmente com muita parcimônia na literatura até então. Um dos principais filólogos que trabalharam com o corpus médico, Hermann Grapow (1936, p. 67-68), apresentou sínteses dos tipos de períodos de tempo registrados (Grapow, 1955, p. 72), mas não forneceu sugestões para além do que eles poderiam implicar, a respeito da cura ou de qualquer outra coisa. Talvez ele tenha visto a problemática como sendo bastante trivial, pelo fato de o tempo mencionado aparecer em um vasto número de casos do mesmo modo: quatro dias (*hrw 4, ou hrw jfd.w*),² assim como veremos. As razões potenciais para a utilização de períodos de tempo em textos médicos permanecem, assim, completamente inexploradas.³

Mais recentemente, Wolfhart Westendorf (1999) argumentou que o tratamento, que durava na maioria das vezes até quatro dias, não estava concluído, citando partes do corpus que indica que o médico estava observando de perto o curso do tratamento e estava preparado para reagir de acordo com qualquer eventualidade, seja se o processo de cura ocorresse em estágios (Eb 188d),⁴ requeresse uma série de tratamentos diferentes (Eb 200; Eb 336d) ou precisasse de uma abordagem totalmente nova (Sm 7 [3.13-15]; 28 [10.2-3]; 47 [17.6-15]). No entanto, a extensão em que os períodos de tempo mencionados possuem qualquer importância também não foi abordada neste caso.

Para tal, este artigo tentará fornecer uma abordagem quantitativa, informada médica e culturalmente à problemática em questão. Primeiramente, apresentaremos o nosso método, que envolveu a criação de um banco de dados de todos os casos conhecidos e publicados de textos médicos que possuem prazos, juntamente com todas as informações conhecidas sobre os contextos desses textos. Logo, esse banco de dados nos permitiu abordar várias questões de pesquisa:

¹ Esse projeto de pesquisa situado em Göttingen foi financiado por um subsídio generoso do Berliner Antike-Kolleg em 2017. As descobertas foram apresentadas no *Third International Conference on Pharmacy and Medicine in Ancient Egypt*, em Barcelona, em outubro de 2018.

² Para uma discussão do número quatro, cf. Sethe, 1910b, p. 16-17; Sethe, 1916.

³ Ghalioungui (1973, p. 148) faz menções dos períodos de tempo sem comentários, assim como o faz Bardinnet (1995, p. 34 *passim*) e Nunn (1996, p. 28 *passim*).

⁴ As abreviações referentes às obras egípcias encontram-se a seguir na Tabela 1.

1. Como os diferentes prazos estão distribuídos de acordo com o tipo e a frequência;
2. Se o subgênero de um texto médico tem impacto no prazo mencionado ou se os prazos foram utilizados de algum modo;
3. Se o número de dias mencionados em cada remédio corresponde de alguma maneira ao tipo de condição que estava sendo tratada (com referência a um estudo de caso, do Papiro Hearst) e
4. A que esses prazos poderiam estar se referindo e se o número de dias mencionados possui qualquer importância em particular, seja em um sentido prático ou religioso, em relação à enfermidade que estava sendo tratada.

Apesar de darmos um foco em especial à importância da categoria mais popular dos “quatro dias”, também consideraremos o alcance diacrônico de certos termos como esse.

Prazos: uma definição

É importante esclarecer os tipos de prazos que estamos tratando neste estudo desde o início. Por exemplo, os prazos nos textos médicos podem se referir ao tempo que demora para preparar um remédio, mas estes não foram incluídos em nosso estudo. Os prazos nos quais estamos nos concentrando envolvem o seguinte: por quanto tempo um remédio deve ser tomado/aplicado (quantos dias), quando o remédio deve ser tomado/aplicado (período do dia) e com que frequência ele deve ser tomado/aplicado (quantas vezes ao dia).⁵ O prazo do *efeito* do remédio pode ser focalizado também, mas declarações nesse sentido raramente coocorrem com prazos explícitos, assim como demonstraremos abaixo e, portanto, não constituirá o foco desse estudo. Uma exceção a essa regra pode ser encontrada nos Papiros Amuléticos Oraculares (especificamente, manuscrito T2 = pTurin 1984, linhas 117-118), nos quais se faz a promessa a uma garotinha em questão de que ela estará protegida de quaisquer doenças com duração de um a cinco dias (Edwards, 1960, p. 67).

Nosso método

Para avaliar os tipos de prazos em relação às condições, remédios e resultados potenciais, bem como outras informações contextuais, compilamos um banco de dados de todos os casos conhecidos de remédios com períodos específicos de tempo. Com

⁵ Focaremos nossa atenção nos casos em que são estipulados prazos (numerados) específicos, mas também tomamos os casos de termos com um prazo mais geral. No entanto, excluimos o termo *zp.w* ‘š:w ‘muitas vezes’, pois ele indica um número de tratamento sem fazer menção a um prazo.

base nisso, nós fomos capazes de agregar quantidades de traços particulares dos textos de acordo com as problemáticas de nossa pesquisa.

(1) Preparação do banco de dados

O banco de dados foi compilado no Microsoft Access, que é ideal devido a sua flexibilidade na gestão de dados textuais qualitativos e na quantificação de traços do conjunto de dados (Meyer; Gruppe; Franz, 2002). Como tivemos que gerenciar aproximadamente 500 estudos de caso separados do corpus médico (com metadados correspondentes), preferimos um *software* que nos permitisse a adição de categorias analíticas adicionais durante o processo de anotação. Então, essa coleta sistemática de dados foi gerenciada por meio da função “Formulários” no Access. Essa função nos permitiu a criação de uma máscara de entrada para a inserção dos dados textuais e metadados, como visto na Figura 1. A máscara de entrada reflete a estrutura dos próprios textos médicos.

Figura 1 – Parte da máscara de entrada do banco de dados

(2) O corpus

Nosso corpus é composto por 15 textos médicos no total, que datam do Reino Médio até o final do Reino Novo (c. 2030–1070 AEC). Coletamos todas as 492 fontes que mencionam períodos específicos de tempo com base no índice de palavras do *Wörterbuch der medizinischen Texte* (von Deines; Grapow; Westendorf, 1961), que tem como ponto de partida todos os principais textos médicos do período faraônico que eram conhecidos até a data de sua publicação.⁶ Todos os textos paralelos foram levados em consideração (cf. von Deines; Grapow; Westendorf, 1958).

Este corpus abrange uma gama de gêneros diversos de textos médicos, muitas vezes dentro de um mesmo manuscrito. Os grandes *Sammelhandschriften*, como o Papiro Ebers (Wreszinski, 1913), o Papiro Hearst, o Papiro Médico de Berlim (pBerlim P 3038) (Reisner, 1905; Wreszinski, 1912) e o Papiro Médico de Londres (pBM EA 10059) (Wreszinski, 1909) cobrem receitas, tratamentos de tópicos particulares, magias e diagnósticos. O Papiro Edwin Smith fornece um manual de diagnósticos para traumas (bem como algumas magias), ao passo que o Papiro Kahun e o Papiro Chester Beatty VI fornecem receitas e tratamentos para regiões específicas do corpo. Visto que parte da nossa investigação se preocupa com o papel do gênero na especificação dos períodos de tempo, não só o manuscrito, mas também o gênero específico de cada remédio ou abordagem foi levado em consideração no design do banco de dados.

Seguimos a concordância publicada no *Grundriss* IV.2 para a abreviação e a numeração dos textos, que, no caso de papiros maiores, seguem a numeração original de Wreszinski e Breasted (Leitz, 1999), com a exceção do Papiro Médico de Londres (pBM EA 10059), que foi reagrupado e renumerado por Christian Leitz (Wreszinski, 1909, 1912, 1913; Breasted, 1930). A Tabela 1 abaixo fornece um *insight* da distribuição das fontes. Isso oferece uma visão geral de todos os textos médicos que mencionam períodos de tempo, com a única exceção dos prazos marcados com *zp* 'vez', que se relaciona com casos específicos dentro do tratamento e não com o prazo como um todo. Assim, não são contabilizados os casos em que *hrw* 'dia(s)' é mencionado em relação à preparação de um remédio ao invés do tratamento.

⁶ Essa afirmação sugere que todos os papiros encontrados ou publicados após o *Grundriss* não foram incluídos. Um registro mais completo do corpus médico tal qual conhecemos hoje deve ser consultado no site da *Science in Ancient Egypt* da *Saxon Academy of Sciences*.

Tabela 1 – Distribuição das fontes

<u>Abreviação</u>	<u>Papiro</u>	<u>Número de fontes</u>
Bln	Papiro Berlim P 3038	70
Bt	Papiro Chester Beatty VI	30
Eb	Papiro Ebers	262
H	Papiro Hearst	80
Kah	Papiro Kahun (med.)	5
L	Papiro Londres BM EA 10059	6
Ostr. Berlin 5570	Óstraco Berlim 5570	1
Ostr. Cairo (oDM 1091, ro)	Óstraco Cairo (oDM 1091, recto)	1
Pap. Beatty XV	Papiro Chester Beatty XV	1
Pap. Leiden	Papiro Leiden	1
Pap. Louvre E 4864	Papiro Louvre E 4864	2
Ram III	Papiro Ramesseum III	3
Ram IV	Papiro Ramesseum IV	1
Ram V	Papiro Ramesseum V	8
Sm	Papiro Edwin Smith	21
		492

(3) Os dados textuais

Os dados textuais, ou seja, os remédios transliterados e traduzidos em si, foram então armazenados em uma tabela do Excel, que registrava adicionalmente informações sobre cada doença, como o propósito do tratamento e o tipo de patologia. Os dados textuais foram estruturados ao longo das seguintes categorias: número de referência e nome, propósito do tratamento, tipo de patologia, o título, ingredientes, preparação e ingestão do remédio, o período de tempo, se os resultados são previsíveis e os resultados do tratamento.

(4) Os metadados

O banco de dados também armazena informações a respeito dos metadados dos textos médicos que mencionam períodos de tempo, a fim de permitir aos estudiosos rastrear todos os fatores contextuais relacionados a eles. *Time Period Annotation* fornece informações sobre os períodos de tempo de acordo com o tipo de prazo, o número de

unidades a que se referem, qualquer comentário adicional sobre o período de tempo (como o tipo de resultado esperado), bem como quaisquer anotações filológicas adicionais sobre a fonte. *Recipe/Spell Metadata* fornece metadados textuais específicos, tais como o nome do documento de forma abreviada (por exemplo, H 7), a numeração da página/linha do manuscrito, quaisquer paralelos, o nome completo do documento (por exemplo, Papiro Hearst), que está vinculado à tabela *Papyrus Metadata*, e o gênero/tipo de texto da fonte, que está conectado à tabela *Text Type*. *Publication* contém os metadados de referências secundárias e *Sickness Annotation Metadata* leva em consideração se uma doença é nomeada (e, se sim, como), conexões potenciais com categorias de doenças endógenas e conexões potenciais com categorias modernas (com citações).

Os diferentes tipos de prazos

Os tipos de prazo que ocorrem no corpus estão distribuídos de maneira interessante, favorecendo, em grande medida, os prazos específicos (87%) em relação aos inespecíficos (13%).

Tabela 2 – prazos específicos no corpus

Períodos específicos de tempo com <i>hrw</i> (1–10)	Total	Porcentagem do total de casos (492)
<i>hrw</i> 1/ <i>w'</i> (um dia)	56	11,4%
<i>hrw</i> 2 (dois dias)	2	0,4%
<i>hrw</i> 3 (três dias)	3	0,6%
<i>hrw</i> 4 (quatro dias)	314	63,8%
<i>hrw</i> 7 (sete dias)	1	0,2%
<i>hrw</i> 8 (oito dias)	1	0,2%
<i>hrw</i> 9 (nove dias)	2	0,4%
<i>hrw</i> 10 (dez dias)	3	0,6%
<i>hrw</i> (dia) somado a múltiplos períodos de tempo	4	0,8%
<i>hrw</i> <i>tp,j</i> (primeiro dia)	29	5,9%
<i>dw³.w</i> / <i>dw³.(y)t</i> 4 (quatro manhãs)	8	1,6%
número ordinal + <i>hrw</i> (segundo quinto dia, geralmente mais de um por vez)	5	1%
	428	87%

Tabela 3 – prazos inespecíficos no corpus

Períodos específicos de tempo com <i>hrw</i> (1–10)	Total	Porcentagem do total de casos (492)
š̄ (frequentemente)	1	0,2%
š̄ <i>zp</i> 2 (muito frequentemente)	21	4,3%
<i>r</i> '- <i>nb</i> e <i>hrw nb</i> (todo dia) [seguido por <i>zp</i> 4]	7	1,4%
<i>hrw</i> š̄.w (alguns dias)	2	0,4%
<i>hrw</i> š̄.w <i>zp</i> 2	1	0,2%
<i>sdr</i> (ir para a cama) [precedido por <i>tp</i> ' x 20, por <i>r</i> x 1]	21	4,3%
<i>grh</i> (noite)	1	0,2%
<i>grh</i> <i>w</i> ' (uma noite)	1	0,2%
<i>dw</i> (manhã) [com <i>mšr.w</i> (crepúsculo)]	3	0,6%
<i>dw nb</i> (toda manhã)	2	0,4%
<i>dw.wj</i> (madrugada)	2	0,4%
<i>dw</i> / <i>dw</i> .(<i>y</i>) <i>t zp</i> 2 (manhã, duas vezes)	2	0,4%
	64	13%

Com base nos dados de todo o corpus, podemos observar que praticamente 64% dos prazos são para períodos de “quatro dias”. O segundo período de tempo mais comum é “um dia” (11,4%), seguido por “primeiro dia” (5,9%).

Prazo e gênero: quais tipos de textos médicos mencionam períodos de tempo?

Nosso estudo quantitativo mostrou que 91,2% (449 casos) dos 492 textos (Tabela 1) contendo períodos de tempo são receitas. Um exemplo prototípico é fornecido pelo Papiro Hearst, Receita 25 (2.10), que propõe um remédio para a remoção de uma obstrução que deveria ser ingerido ao longo de quatro dias.

phr.t n(j).t dr n(j) š̄n'

zw.t jri.w m bj j'í(w) psi(w) sdr(w) n j'd.t

'th.h'r=k m dw:w rdí(w) bj.t hr=s r' 8 sh'k.w m hbs.w

wnm(w)/zwr(w) r hrw 4

jw m:n=j hpr m-'=j

Remédio para a remoção de uma obstrução:

grão *zw.t*. processado em uma massa; lavado; cozido; deixado no sereno (à noite).

Tu debes peneirá-lo pela manhã. Mel é misturado com (lit. colocado sobre) ele, $\frac{1}{8}$ (*dja*) e pressionado através de um tecido.

Ingerido⁷ por quatro dias.

Eu vi o que aconteceu por mim mesmo.

Dos 8,8% (43 casos) restantes, 7,1% (35 casos) utilizam prazos em diagnósticos, 1,2% (6 casos) os utilizam no contexto de um tratado médico e somente 0,5% (2 casos) aparecem em magias.

Se investigarmos mais profundamente, a fim de checar se os períodos específicos de tempo são atribuíveis a tipos particulares de texto, surgem alguns padrões interessantes. *hrw 1/w'* (um dia), *hrw 2* (dois dias), *hrw 7* (sete dias), *hrw 8* (oito dias), *hrw 9* (nove dias), *hrw 10* (dez dias) são todos utilizados exclusivamente em receitas. *hrw 3* (três dias) aparece três vezes, cada um em um diagnóstico, uma receita e uma magia. *hrw 4* (quatro dias) aparece na maioria das vezes (303/314 dos casos) em receitas e, então, os 11 casos remanescentes nos outros tipos de texto: 7 casos em diagnósticos, 1 caso em uma magia e 3 casos em tratados. *hrw* (dia) somado a múltiplos períodos de tempo aparece em receitas e em um tratado médico. Por outro lado, *hrw tp.j* (primeiro dia) é utilizado quase exclusivamente (14/17 dos casos) em diagnósticos, particularmente de traumas (Westendorf, 1999, p. 243). Dois casos aparecem em receitas, um em um tratado médico. Por outro lado, *2.nw / {3}.nw hrw* (segundo ou terceiro dia) aparece em uma receita. *r'-nb / hrw nb* (todo dia) aparece em sua maioria em receitas e em um único diagnóstico, ao passo que *hrw š.w* (alguns dias) aparece somente em receitas. *dw³* (manhã), também incluindo *mšr.w* (crepúsculo), *dw³ nb* (toda manhã) e *dw³.wj* (madrugada) aparecem como prazos somente em receitas, assim como *dw³ / dw³.(y)t zp 2* (manhã, duas vezes), *grḥ* (noite) e *grḥ w'* (uma noite). Por outro lado, *dw³.w / dw³.(y)t 4* (quatro manhãs) aparece em 7/8 dos casos em diagnósticos e em um caso em uma receita.

Assim, podemos observar, por exemplo, que diagnósticos favorecem um grupo restrito: "o primeiro dia", "quatro manhãs" e "quatro dias", com a rara ocorrência de *hrw nb* (todo dia). Os poucos casos de tratados médicos que temos favorecem "quatro dias", com raros casos de múltiplos dias ou "primeiro dia". As magias se referem ora a "três dias", ora a "quatro dias".

⁷ O uso de A2 para se referir, de modo abrangente, à 'ingestão' é discutido em detalhe em Di Biase-Dyson, Glöckner (em preparação).

Ao que se referem os prazos

Assim como foi descrito brevemente acima, alguns prazos se referem ao tempo do efeito de um remédio. Visto que a maioria dos textos descreve o efeito como ocorrendo imediatamente (*hr-‘wj*), a necessidade de horários mais específicos de aplicação geralmente desaparece, o que exclui a maioria desses casos de nosso estudo. Especificamente, 48 remédios em todo o corpus médico foram marcados como tendo um efeito que é *hr-‘wj* ‘imediato’ (von Deines; Grapow; Westendorf, 1961, p. 628), mas como a “imediatez” geralmente exclui um prazo extenso (de aplicação ou cura), somente cinco destes aparecem também em nosso corpus de “prazos”. Todos os cinco (Eb 200, Eb 206b, Eb 307, Eb 782 e Bln 163f) descrevem o paciente melhorando “imediatamente”, mas somente após quatro dias de tratamento com vários remédios (três bebidas e dois curativos). A bebida chamada *hr(w)-‘*, que, supostamente, está etimologicamente ligada à ideia de alívio “imediato”, também é consumida frequentemente ao longo de um período de quatro dias (cf. H 57 e H 62). Esses fatores parecem sugerir que “imediatamente” pode também ser utilizado de forma relativa,⁸ o que também pode contribuir para a nossa compreensão ao que os “quatro dias” se referem em primeiro lugar.

Outras referências à cura, menos relacionadas ao prazo, mas ligadas ao efeito, tal como *r ndm=f* ‘para que ele se sinta melhor’ (por exemplo, H 72), também, por alguma razão, aparecem majoritariamente em casos em que um prazo não é dado explicitamente. Por exemplo, dos 54 casos em questão no *Wörterbuch der medizinischen Texte* (von Deines; Grapow; Westendorf, 1961, p. 498), somente dois casos aparecem em receitas, como informação adicional para um período de quatro dias de tratamento.⁹ Todos os demais casos advêm de diagnósticos de traumas¹⁰ e, portanto, representam, ao todo, um espectro diferente de tratamento e cura.

Para os casos remanescentes, as receitas com múltiplos passos podem nos fornecer uma possibilidade interpretativa. Visto que essas receitas estipulam o número de dias necessários para cada etapa (Grapow, 1936, p. 78-79), poder-se-ia sugerir que é ao tempo do tratamento que está sendo referido¹¹ e não necessariamente o processo de cura em

⁸ Infelizmente, não há nada que conecte claramente os quatro dias + remédios *hr-‘wj* de qualquer maneira claramente temática. Três destes casos são receitas (Eb 206b para constipação e dor, Eb 307 para tosse e Eb 782 para um criança que grita), dois são diagnósticos (Eb 200 (tratamento de *whd.w* ‘substâncias que causam dor’ no corpo e Bln 163f para o tratamento de *mt.w* ‘canais’ no braço).

⁹ Eb 859c e, como um tratado médico, que inclui uma receita, Bln 163c + 163e.

¹⁰ Sm 1, 2, 3, 10, 14, 16, 17, 18, 26, 27, 28, 30, 32, 40, 47.

¹¹ Como também foi sugerido por Austin, 2014, p. 64.

si, como também já foi sugerido (cf. Austin, 2014, p. 52). No entanto, se este for o caso, a predominância dos quatro dias permanece um enigma.

Não obstante, gostaríamos de propor que, se lido de uma maneira detalhada, há o potencial de ver um grau de “conexão com o mundo real” nessas representações. Se os prazos em questão se referirem ao tempo necessário para *aplicar* um remédio, ao invés de um tempo projetado, em que a cura deve *também* ser levada em conta, então é provável que o prazo esteja traçando um único curso de tratamento. Podemos ver isso claramente no caso de um tratamento ocular no Papiro Ebers (Eb 336). Ao final de um procedimento complexo vem as instruções.

wt(.w)/zjn(.w) hr=s r hrw 4 jmj=k hnn wr.t

Ser atado (/esfregado) por quatro dias. Tu não deves incomodá-lo de

Maneira alguma.

Essa ideia é também apoiada pelo fato de que remédios com um tempo específico de cura, tal como ‘imediatamente’ (*hr-'.wj*), são designados como tais (seja no decorrer de um tratamento de quatro dias ou “imediatamente” na sua acepção mais verdadeira). Ela também é apoiada pelo fato de que o resultado é tematizado muito raramente nestas receitas: somente 18 casos foram concluídos com *r ndm=f'* ‘para que ele se sinta melhor’ e a forma *r ndm.t=f'* ‘até que ele se sinta melhor’ nunca aparece. Assim, há um sentido muito pouco claro dos períodos de tempo que trazem à tona *resultados* específicos no corpus médico. Isso se deve ao fato de que os tempos de cura da maioria das doenças variam muito devido a vários parâmetros. Uma variedade de fatores individuais desempenha um papel essencial na cura de doenças. Estes incluem sexo, idade, condições genéricas, comorbidades e status social. Porém, outros fatores externos da vida cotidiana também são importantes para a cura, tais como nutrição, condições de vida e trabalho, condições geográficas e climáticas, bem como locais de instalações sanitárias e de higiene (cf. Schultz, 1982).

O que “quatro dias” poderia significar especificamente? As teorias

Dado que o prazo de quatro dias é, de longe, o mais popular, é muito estranho que tão pouca atenção tenha sido dada ao que o decorrer de um tratamento de quatro dias poderia significar. A primeira possibilidade é que os quatro dias sejam realmente significativos, em outras palavras, que seja uma representação do empirismo baseado em fenômenos. Dentro desse modelo, os curandeiros perceberam que um tratamento

poderia realmente apresentar algum efeito dentro desse prazo — o suficiente, pelo menos, para julgar se era o tratamento correto ou não. A segunda possibilidade é que um empirismo generalizado esteja sendo utilizado e que “quatro dias” descreva o tempo “normal” necessário para aplicar um remédio ou para que o remédio comece a surtir efeito. “Quatro dias” poderia também ser totalmente figurativo, assim significando algo como “o tempo que tiver que levar”. Quatro dias poderia estar, além disso, imbuído de um significado mítico. Afinal, como indicado pelo Papiro Ebers, tratamento Eb 3, remédios são “fortes”, ou eficazes, com a ajuda de recitações e vice-versa (Grapow, 1958, p. 534). Em outras palavras, não podemos entender os procedimentos médicos sem também compreender as suas dimensões mítico-religiosas (Nyord, 2020, p. 1042).

A primeira possibilidade, dos quatro dias de fato, possui uma boa base empírica em alguns casos. No Eb 307 e no seu paralelo mais abreviado Eb 324 (Grapow, 1958, p. 283),¹² que são receitas para tratar tosse, há a instrução explícita para diluir polpa de alfarroba (*dʿr.t*) com uma proporção igual de água, fermentá-la por quatro dias e, então, beber $\frac{1}{4} dʿ = 1 hnw$ da quantidade por dia, ao longo de quatro dias. Similarmente, no Eb 207 (Grapow, 1958, p. 164-165), o paciente é instruído a beber uma preparação por quatro dias para tratar um problema digestivo, mas o profissional é instruído a monitorar seus movimentos intestinais todos os dias (presumivelmente, em cada um dos quatro dias). Outros insights sobre a importância do período de tempo de quatro dias podem ser obtidos quando consideramos, em primeiro lugar, para que tipo de coisas ele foi utilizado ao longo de todo um manuscrito, o Papiro médico Hearst e, em segundo lugar, para que tipos de enfermidades são tratadas seguindo *outros* períodos de tempo ao longo do corpus.

Estudo de caso 1: Papiro Hearst

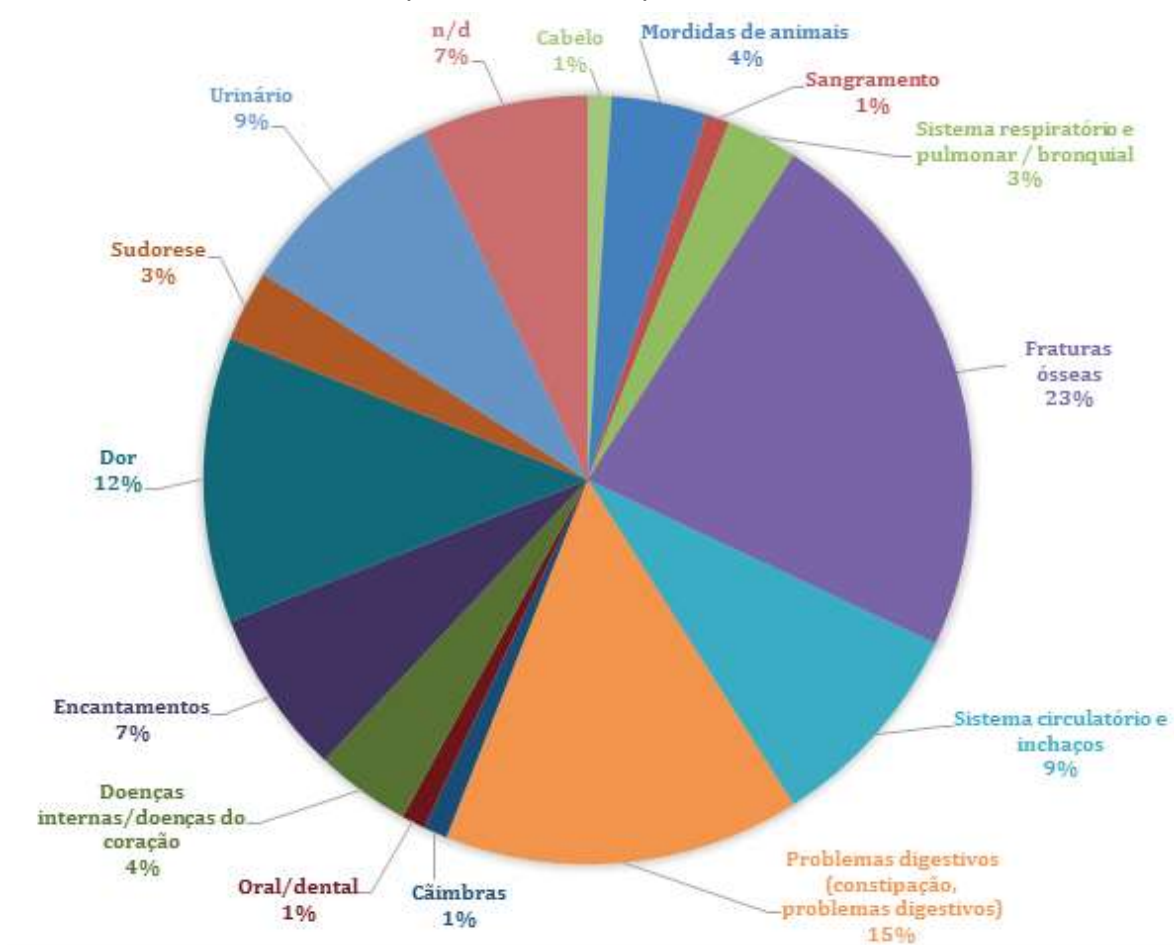
O compêndio médico chamado Papiro Hearst (localizado na Bancroft Library, em Berkeley), que constitui a pedra angular deste estudo de caso, possui cerca de 260 receitas registradas em 16 páginas. Destas, somente 80 fazem menção a um período de tempo. Ao contemplarmos onde esses 18 casos aparecem, devemos considerar que a produção do compêndio médico desempenha um papel fundamental em nosso estudo, pois ele influencia fortemente onde os prazos aparecem. O que *não* possui um prazo no Papiro Hearst, por exemplo, é o tratamento de substâncias que causam dor (*whd.w*), o tratamento para os dedos das mãos e dos pés e a maioria dos encantamentos. Isso pode

¹² Discutido em Grapow, 1956, p. 134-135.

decorrer do fato de que tais tratamentos foram encarados de maneiras diferentes, mas é mais provável assumir que simplesmente um outro manual (que não continha prazos) foi utilizado como modelo. É provável que o uso de prazos dependa do(s) texto(s) que está/estão sendo copiado(s) e possa nos fornecer informações valiosas sobre a compilação de coleções de receitas.

Das receitas que realmente incluem referências a um período explícito de tempo (30,7% de todas as receitas), 62/80 (77,5%) possuem *hrw 4* (2 reconstruídos). Há três outras ocorrências de *hrw 1* (3,75%) e seis ocorrências de *hrw tp.j* (H 241 reconstruídas), totalizando 7,5%. Uma outra possui múltiplos períodos de tempo (1,25%), uma possui *š' zp 2* (1,25%), uma, *r' -nb* (1,25%) e seis possuem *tp- 'sdr* (7,5%). Para levar em consideração os períodos implícitos de tempo (caso eles afetassem nossas estatísticas), também examinamos todos os casos de *mj.t(j)t 'do mesmo modo'*, que substitui etapas de preparação e aplicação em receitas que seguem aquelas sobre o mesmo tópico com períodos explícitos de tempo. As descobertas foram surpreendentemente limitadas: cinco (H 30, H 47, H 50, H 52 e H 63) acompanham remédios de "quatro dias" e um (H 66) acompanha um de "um dia" e, então, eles não têm um efeito muito significativo nas nossas estatísticas. Para explorar que tipos de coisas foram tratadas ao longo de um período de quatro dias, trabalhamos com uma categorização ampla dos sintomas, como pode ser visto na Figura 2. Para fins de brevidade, limitar-nos-emos à discussão do período de tempo em relação a algumas enfermidades, tais como fraturas ósseas e distúrbios urinários.

Figura 2 – Distribuição das enfermidades tratadas ao longo de quatro dias no Papiro Hearst



(1) *Fraturas ósseas*

Se considerarmos as receitas referentes às fraturas ósseas, observamos que 14/19 receitas para fraturas possuem um período explícito de tempo, em que todos foram especificados como “quatro dias”. Destes, três mencionam o tratamento começando ‘no primeiro dia’ (*hrw tp.j*). Em nenhum momento, o tratamento da fratura em si é mencionado, o que talvez não seja tão surpreendente, dada a ênfase, em Hearst, às receitas e não aos tratamentos. Esses podem ter sido remédios complementares contra dores causadas pela quebra de um osso, tais como, inchaço, edema, hemorragia, hematoma ou para estimular o crescimento ósseo. Alguns ainda se referem a tratamentos de “resfriamento” seguidos da recolocação dos ossos no lugar (H 233, H 226, em que o último destes não menciona nenhum período de tempo). O que é curioso é que várias receitas, na verdade, levam o título ‘ajustar (lit. unir) um osso’ (*sn“/t(?)z qs*). No entanto, a experiência médica

e paleontológica confirma que esses prazos não poderiam corresponder ao tempo de recuperação dos ossos.

Na paleontologia, especificamente, os restos esquelético-arqueológicos e múmias são examinados em busca de vestígios de doenças, utilizando métodos e técnicas médicos (cf. Aufderheide; Rodríguez-Martín, 1998; Steinbock, 1976). Em relação ao Egito Antigo, a paleontologia apresentou uma vasta quantidade de resultados individuais, mas também estudos populacionais.¹³ Assim, temos numerosos resultados de investigações que nos informam sobre a recuperação de doenças e aqui, particularmente, sobre a recuperação de ossos fraturados (Ortner, 2003; Pliess, 1974; Salib, 1967). Esses resultados de uma investigação paleontológica correlacionam-se perfeitamente com os valores empíricos da medicina e traumatologia contemporâneas (Ortner, 2003; Pliess, 1974) e indicam claramente que os tempos fornecidos nos textos médicos do Egito Antigo não podem ter qualquer influência na recuperação. Sabemos, a partir da traumatologia, que certos elementos esqueléticos requerem diferentes tempos para a recuperação de uma fratura. Pliess fornece exemplos do tempo de recuperação de alguns elementos do esqueleto pós-craniano em semanas:

- fratura do corpo vertebral: 12
- fratura do colo umeral: 4
- fratura do terço medial umeral: 6–10
- fratura do rádio e ulna: 8–10
- fratura óssea do punho: 9–16
- fratura do colo femoral: 12
- fratura do terço medial femoral: 16
- fratura do terço distal femoral: 12–14
- fratura do platô tibial: 12
- fratura do terço médio tibial: 12–14

Esses números semanais são valores empíricos médios para recém-adultos que não sofrem de comorbidades graves, tais como diabetes, que estenderia o tempo de recuperação. Observamos que esses valores médios diferem e dependem fortemente do tipo, ou seja, da estrutura anatômica, mas também da função do osso fraturado. É provável que os egípcios antigos soubessem que os diferentes elementos do esqueleto

¹³ Por exemplo, Ghalioungui, 1965; Ruffer, 1921; Schultz, 2010; Schultz; Walker, 2013; Schultz; Walker, 2001; Schultz, et al. 2003.

pós-craniano requerem tempos diferentes de recuperação, devido ao desenvolvimento de um corpo de conhecimento médico baseado, como aparentam os textos, na observação empírica.

Assim, podemos somente concluir que o uso dos “quatro dias”, mesmo em relação à “união de um osso”, é uma referência figurativa ou mítica, ou ilustra quanto tempo um remédio específico deve ser *aplicado* — antes de ser examinado novamente. Isso certamente não reflete o tempo real de recuperação.

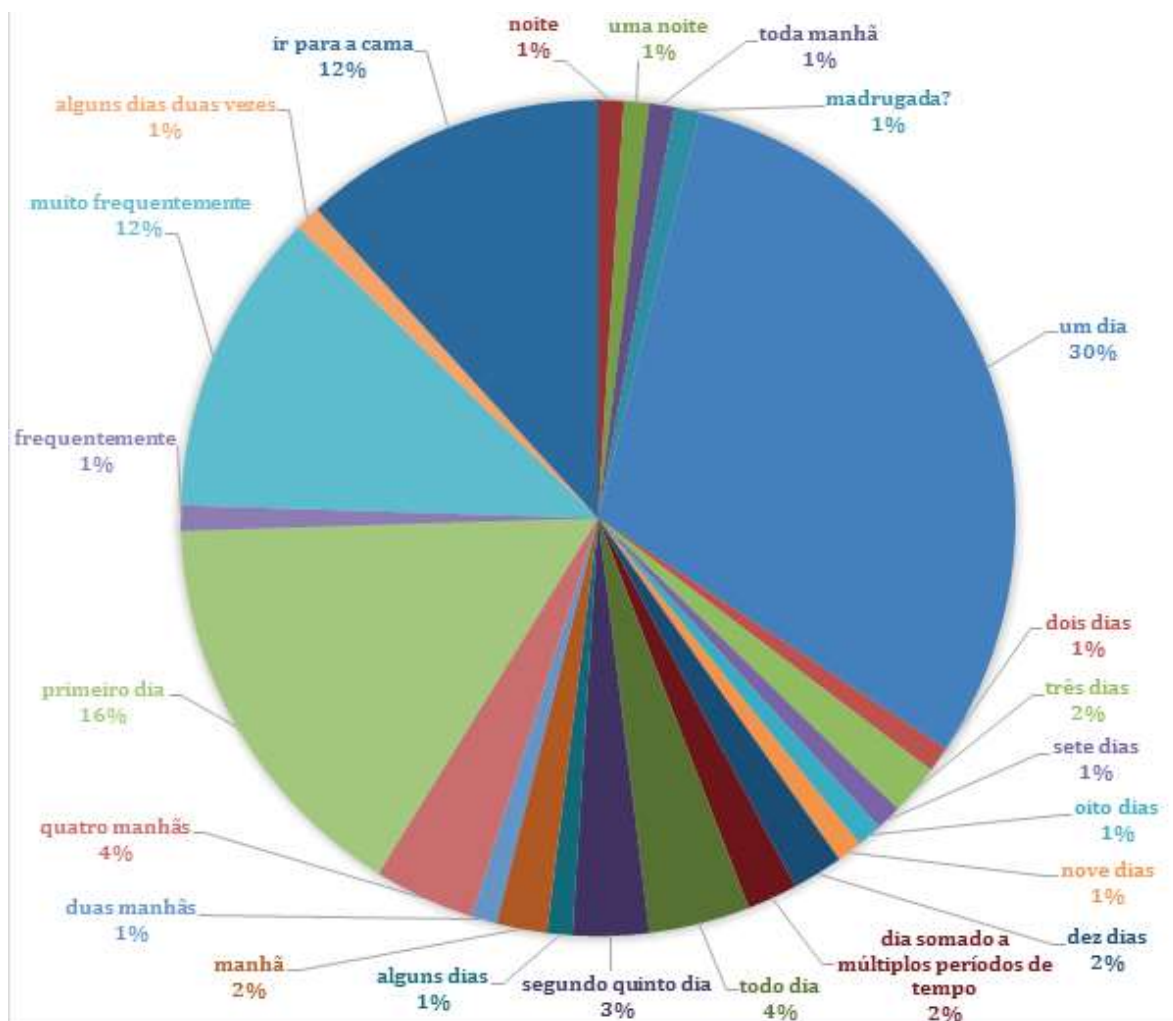
(2) *Problemas com a bexiga e o trato urinário*

Problemas com o trato urinário no Papiro Hearst quase sempre possuem um prazo específico (7/9 receitas). Eles estão relacionados à (quantidade?) prevista de urina (*sm^s mw.yt*), retenção urinária (*s³q m³.yt*) e tratamento de correntes quentes na bexiga (*srwh/dr h³b n(j) t³.w*) e referem-se de modo consistente a quatro dias de tratamento. No entanto, o processo de remoção (ou seja, redução?) de urina (*dr mw.yt*), quando há um prazo (2/4 receitas), possui *um* dia, o que talvez nos dê um indicativo de que, no último caso, o resultado deveria ser examinado após somente um dia — e, potencialmente, repetido, se os sintomas persistissem. Assim, pode-se observar, no caso do Papiro Hearst, que uma leitura “literal” de um período de tempo, se estiver relacionada com um tempo em que o tratamento é monitorado, se não for comprovada pela materialidade, não é refutada por isso de qualquer modo. Em todo caso, não é um tempo relacionado a um período realista de *recuperação*.

Estudo de caso 2: prazos para além dos quatro dias no corpus médico

Além disso, a importância dos períodos de tempo pode ser abordada a partir da perspectiva do que *outros* prazos poderiam significar no corpus médico. No total, 36,2% de todos os prazos específicos não se referem aos quatro dias, embora seja importante notar que períodos de cinco ou seis dias não estejam presentes. De longe, o grupo mais significativo relaciona-se a “um único dia” ou ao “primeiro dia”, como pode ser visto na Figura 3.

Figura 3 – Prazos para além dos quatro dias no corpus



Os tratamentos de um dia são utilizados predominantemente (em 44/56 das receitas, 55%) para tratamentos de problemas nos tratos urinário e digestivo, incluindo vermes (*hḫ.t*) – essa tendência é encontrada ao longo de Ebers, Hearst e Berlim 3038. Talvez essa consistência esteja relacionada ao fato de que o remédio foi feito para somente um único dia de uso e o seu efeito precisava ser observado antes que outro (ou o mesmo) remédio fosse testado. Essa lógica também se reflete no *tipo* de tratamento escolhido para lidar com essas enfermidades. A grande maioria, ao menos 31 desses tratamentos de um dia (potencialmente 38¹⁴), foram elaborados para serem (*sw{r}j*) ‘bebidos’. Outros 11 mencionam explicitamente a ingestão por ‘comer’ (*wnm*), alguns outros por ‘engolir’ (*shp* / *s’m*) e um por ‘mastigar’ (*sdb*). Alguns poucos casos remanescentes foram ‘inalados’ (*m*)

¹⁴ O grande número de casos poderia ser mencionado se os casos possíveis em que o classificador/logograma A2 é simplesmente utilizado (como comparado à ortografia menos ambígua dos fonogramas) fossem incluídos, que também poderia ser apenas representado como ‘ingerido’. Cf. Di Biase-Dyson; Glöckner (em preparação).

ou inseridos no ânus como um enema. Nenhum caso foi aplicado topicamente. Desse modo, parece que, com base na especificidade do tratamento, o tratamento de “um dia” deve ser considerado como um prazo literal (de observação) e não algo figurativo ou mítico.

Em contraste com os casos de tratamentos de um dia, as ocorrências de tratamentos de sete a dez dias são muito limitadas. No Papiro Ebers, tratamentos de sete a dez dias aparecem em quatro receitas consecutivas (Eb 109–112) que lidam com enfermidades cutâneas (*whꜣ*) tratadas nesses períodos de tempo sucessivos. O paralelismo do conjunto dá a entender que os prazos neste tratamento se relacionam com os procedimentos ritualísticos e/ou possuem uma base mítica. Assim, eles contrastam com as aplicações aparentemente mais “literais” do tratamento de um dia.

A dimensão mítica: O que o número quatro poderia significar?

A partir dos textos médicos, vimos que, ao passo que alguns prazos (como de um dia) assemelham-se possivelmente a um prazo real para a observação do resultado de um tratamento, outros (como tratamentos de sete a dez dias) parecem estar mais embasados em torno de ideias religiosas e no estabelecimento de um agrupamento temático e fraseologicamente coerente de tratamentos em um manuscrito do que na realidade. Parece que o número quatro pode existir entre esses dois extremos. Por um lado, alguns textos indicaram quase literalmente o progresso de um tratamento de quatro dias, ou, pelo menos, os cursos de tratamento com monitoramento que durava quatro dias cada. Por outro lado, talvez o número apareça muito frequentemente para ser *meramente* interpretado como um curso de ação habitualmente levado em consideração pelos médicos. Afinal, o número quatro possui uma importância religiosa no Egito (Goedicke, 1986, p. 128-129) e pode ter afetado o que os profissionais egípcios consideravam como um prazo para um tratamento apropriado.

A importância do número quatro está intimamente conectada ao fato de que ele está baseado no conhecimento espacial humano (Sethe, 1916, p. 31). O número quatro reflete os quatro pontos cardeais e suas direções correspondentes (cima, baixo, direita, esquerda), que representam a totalidade (Kees, 1941, p. 167; Kessler, 1977, p. 1213). O céu repousa sobre quatro pilares, cada um supervisionado por um deus (PT 556 = Pyr. 1385a) (Sethe, 1910a, p. 256). Há também quatro meses de cada uma das três estações, conectados ao estabelecimento de quatro filios (do gr. *φῦλή*, *phulé*) de sacerdotes (Sethe, 1916, p. 32). Parece haver uma necessidade particular de conformidade com os quatro

pontos cardeais durante os ritos de passagem, tais como o nascimento, a mumificação e o sepultamento (Kees, 1941, p. 161-162).

Kees traça também uma conexão entre a ideia fundamental da totalidade na religião egípcia, o *Ganzheitsbegriff* (conceito de totalidade), e as fórmulas fundamentais da matemática, tal como $1 > 2 > 4 > 8$ (Kees, 1941, p. 161-162). Isso pode se refletir na estrutura da cosmogonia heliopolitana (Maspero, 1892, p. 165-166), embora, dado que resultou uma Enéade (não na Ogdóade), possa ser, de alguma maneira, uma supersimplificação da questão. De qualquer maneira, essa sequência de dois fatores é também algo que vemos no mito do olho de Hórus, visto que os pedaços referentes a cada parte do olho correspondem às frações, tendo por base esses princípios ($\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$, $\frac{1}{8}$ e assim por diante). Isso também pode ser relevante, dado que as frações do olho de Hórus também correspondem às medidas nos textos médicos (Pommerening, 2010, p. 132). Em contraste com a cosmogonia heliopolitana, que, em última instância, gerou uma Enéade, a cosmogonia hermopolitana consistia em quatro pares de deuses, incorporados em fenômenos distintos da natureza. Como diz Kees (1941, p. 167), “a preferência pela quaternidade ou ainda, pela ogdóade, é também uma forma evoluída da díade, determinada pela concepção egípcia de que o número quatro expressa a totalidade da maneira mais clara”.

Quatro também se refere aos grupos de deuses, como os quatro filhos de Hórus, junto aos órgãos internos correspondentes que eles protegem dentro de quatro jarros canópicos (Sethe, 1916, p. 32).¹⁵ Os quatro filhos de Hórus parecem, na sua essência, possuir um aspecto cósmico, estando associados com quatro estrelas da constelação da Ursa Maior (Tb. 17, pCairo CG 51189, 75-76) (Munro, 1994, pl. 47-49; Raven, 2005, p. 42). É bem provável que, visto que eles estão associados a membros particulares do corpo por meio da sua orientação nos caixões do Reino Médio, eles representam os quatro pilares do universo (Willems, 1988, p. 140-141; Raven, 2005, p. 42-43). No período pós-amarniano, havia quatro deusas protetoras ao redor do sarcófago quadrilátero do morto: Ísis e Néftis, Neite e Sélquis (Kees, 1941, p. 168; Ikram; Dodson, 1998, p. 260-261). Os *Textos das Pirâmides* referem-se aos “quatro *akhs* de Heliópolis” (PT 303 = Pyr. 467b) (Sethe, 1908, p. 241) e eles descrevem frequentemente o morto unindo-se “aos quatro deuses”, por vezes, aos quatro filhos de Hórus (PT 573), por vezes, aos “quatro filhos de Geb” (PT 576 = Pyr. 1510a) (Sethe, 1910a, p. 320). O morto, para se tornar um deus, também se amamenta a partir das tetas de quatro ovelhas-*wꜥp.t* (PT 246 = Pyr. 252c) (Sethe, 1908, p. 139) e percorre quatro caminhos (PT 553 = Pyr. 1355a) (Sethe, 1910a, 244). No tardio

¹⁵ É possível que isso seja extrapolado como cuidado para com o corpo todo. Cf. RAVEN, 2005, p. 43, 47, 52.

Livro dos Mortos, quatro babuínos acompanham a barca solar pelo céu (Tb. 126, BM EA 10477 2-3) (Lapp, 1997, pl. 70). Para a proteção do morto, é feita uma referência às quatro tochas (Tb. 137A, BM EA 10477, 16) (Lapp, 1997, pl. 76-78) e os quatro cantos da câmara funerária eram protegidos com os chamados quatro “tijolos mágicos” (Tb. 151, BM EA 10477, 2.3-14) (Lapp, 1997, pl. 78-79; cf. Régen, 2010; Di Biase-Dyson, 2014).

Como foi visto nessas últimas referências do *Livro dos Mortos*, o número quatro pode também estar ligado a uma variedade de rituais, com muitas magias e rituais sendo repetidos quatro vezes para alcançar a “totalidade” (Kees, 1941, p. 168), que pode se referir ao poder ou à soberania, como indicado pelos rituais de proclamação nos textos de templos, ou à proteção, como visto nos chamados textos “médico-mágicos” (ou seja, focados na recuperação) e nos textos funerários. As práticas cúlticas que conectam o número quatro à proclamação de poder parecem evocar a sua associação com os pontos cardeais. Os pássaros (que carregam os nomes dos quatro filhos de Hórus) são enviados em direção aos quatro cantos do mundo no festival de Min (Derchain-Urtel, 1986, p. 1044-1045). O ritual de *ḥw(j).t bḥz.w* “Procissão dos quatro bezerros” (*Treiben der vier Kälber*) também se baseia nas direções dos quatro pontos cardeais (Kurth, 1986, p. 751): o rei pastoreia quatro bezerros, cada um de uma cor diferente, em direção a um deus, para debulhar milho para o deus e, assim, garantir um excedente agrícola (Kurth, 1986, p. 749-750). Isso parece estar intimamente conectado ao festival-*sed*, a partir do Reino Novo, potencialmente um festival-*sed* para Osíris (Kurth, 1986, p. 752). Uma ideia similar poderia ser refletida nos altares quadrangulares com signos *ḥtp* voltados para todas as direções cardeais, como visto no templo solar muito antigo de Niuserré, em Abu Gurabe (Drioton, 1941). Isso pode estar relacionado ao ritual em que os tronos, orientados em todas as direções cardeais durante o festival-*sed*, parecem anunciar o domínio do rei sobre os quatro cantos, como documentado em relevos do mesmo templo (Borchardt, 1926, p. 35-37).

Quatro também pode estar associado à proteção do corpo. A proteção inclui, por exemplo, em um contexto funerário, a limpeza, com quatro recipientes (por exemplo, PT 512 = Pyr. 1164b) (Sethe, 1910a, p. 151) e quatro mãos libatórias (PT 207 = Pyr. 124d) (Sethe, 1908, p. 71). No manual de embalsamamento no Papiro médico Louvre-Carlsberg, do Reino Novo, o processo de embalsamamento é descrito como procedendo em intervalos de quatro dias (Schjødt, 2021). A Estela de Mendes, do reinado de Ptolomeu Filadelfo, registra que a cerimônia de abertura da boca (de Arsínoe II) foi performada ao longo de quatro dias (Sethe, 1904, 40.12).

A proteção com o número quatro pode também ser apotropaica: por vezes, quatro nós são amarrados em amuletos (feitos de tranças de cabelo humano ou fibras de linho)

que são usados como talismãs ao redor do pescoço das crianças (pBerlim 3027, Rto 9.6-7 e Vso 2.2) (Yamazaki, 2003, p. 34, 36, pl. 10, 12). O número sete assumiu, então, o papel de número miticamente potente *par excellence* (Sethe, 1916, p. 32). Isso pode ser atestado, entre outras coisas, na fabricação amulética (agora com sete nós) no final do Reino Novo, como visto nas recitações da época (pTurin CGT 54051, Vso 3.27) (Roccati, 2011, p. 168) ou mesmo nos sete nós no cordão que amarra o amuleto do Papiro Deir el-Medina 36 (Dieleman, 2015, p. 25-26).

A tradição dos quatro dias – O que acontece após o período faraônico?

Nas tradições médica e religiosa do período pós-faraônico, a tendência de favorecimento dos números sete e nove em detrimento do quatro continua. Por exemplo, no Papiro Mágico Demótico Londres-Leiden, do séc. III EC, somente alguns vestígios do número quatro permanecem (Sethe, 1916, p. 32). Em dois casos, simpatias amorosas levam quatro dias para secar (pLeiden I.383 + pBM EA 10070, Rto 21.14; 25.30) (Griffith, 1904, p. 136-137; 156-157), ao passo que em somente um caso, um tratamento é aplicado por quatro dias, conforme descrito em textos do período faraônico (Vso 4.4) (Griffith, 1904, p. 174-175). Os três casos remanescentes envolvem uma recitação quadripartida de um encantamento: no primeiro caso, somente a recitação é referenciada (Rto 6.10) (Griffith, 1904, p. 52-53), enquanto nos outros dois, o número quatro é contrastado com o número sete: em um caso, uma recitação deve ser realizada sete vezes e, se não fosse suficientemente eficaz, uma recitação diferente deveria ser recitada quatro vezes (Rto 29.18) (Griffith, 1904, p. 166-167). A última recitação deve ser tranquilizante se cantada por quatro dias, mas mortal se cantada por sete (Rto 23.6-7) (Griffith, 1904, p. 145-146).

Em relação à medicina cóptica, as referências aos “dias” de tratamento parecem ser, em geral, mais esparsas nos tratados farmacêuticos cópticos (cf. Richter, 2014). Casos raros em que os dias realmente aparecem, referem-se, por exemplo, a três dias (Westendorf, 1999, p. 541) ou à opção de três ou sete dias por mês (IFAO P. Méd. Copt., 234) (Grons, 2021, p. 139). Textos com maior embasamento em invocações e recitações religiosas, por outro lado, são mais ricos em tais detalhes, mas eles claramente possuem influências variadas. Alguns textos focam no número três, que poderia ser bem explicado por meio da Santíssima Trindade: três medidas de ingredientes, três porções do remédio por três dias (Michigan Ms. 136, 9) (Meyer, 1994, p. 88), embora, neste caso, outros tratamentos devam ser repetidos sete vezes. O manual de cura cóptico K 11088 (Austrian National Library) também indica a persistência do número sete em recitações (Hevesi, 2015, p. 58-59), ao passo que as quatro estrelas concomitantes no manuscrito, supostamente, referem-se

aos quatro anjos guardiões que se situavam nos quatro cantos durante os rituais (Hevesi, 2015, p. 63). Outras menções ao número quatro também possuem uma base bíblica, tais como as referências à ressurreição de Lázaro, por exemplo, no quarto dia, para ilustrar o processo de cura de Deus em um amuleto, agora em Florença (Meyer, 1994, p. 38). Os textos gnósticos fornecem uma mistura de tradições bíblicas e mais antigas: no códice Nag Hammadi VIII, Zostrianos é abençoado quatro vezes (Meyer, 1994, p. 74), mas no Tratado Gnóstico de Turim, os quatro pilares do céu são mencionados – o tipo de coisa que também sabemos a partir do período faraônico (Meyer, 1994, p. 136-137).

Conclusão

Por fim, alguns prazos parecem ter sido conectados ao pensamento ou ritual religiosos, ao passo que outros podem ter tido aplicações mais práticas. Esses períodos de tempo parecem abranger um curso de tratamento comumente definido, mas não um período de recuperação *per se*. Este último é irreal em relação ao conhecimento atual sobre a recuperação na prática e literatura médicas da contemporaneidade. O que os textos médicos não mencionam — mas talvez tenham omitido por razões espaciais — é que o tratamento pode (em alguns casos deve) ser repetido até que o paciente se recupere. Isso significa que a receita fornece o que durará para um ou quatro dias. Este curso de tratamento pode, então, ser repetido a critério do paciente ou do médico. Essa possível aplicação “do mundo real” de um curso de tratamento de quatro dias não exclui a probabilidade de que o número também possua uma base mítica, devido às conexões íntimas entre tratamentos e ritual, como indicado no Papiro Ebers, remédio Eb 3. O fato de que os números miticamente potentes permeiem os textos curativos do período faraônico até a Antiguidade Tardia, embora com modificações, serve somente para reforçar essa ideia.

Referências

- AUFDERHEIDE, A. C; RODRÍGUEZ-MARTÍN, C. *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- AUSTIN, A. E. *Contending with illness in ancient Egypt: A textual and osteological study of health care at Deir el-Medina*. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) – University of California Los Angeles, Los Angeles, 2014. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/4rw1m0cz>>. Acesso em: 29 abr. 2023.

- BARDINET, T. *Les papyrus médicaux de l'Égypte pharaonique: traduction intégrale et commentaire*. Paris: Fayard, 1995.
- BORCHARDT, Ludwig. Jubiläumsbilder. *Zeitschrift für ägyptische Sprache und Altertumskunde*, v. 61, p. 30-51, 1926.
- BREASTED, J. H. *The Edwin Smith Surgical Papyrus*, I-II. Chicago: The University of Chicago Press, 1930 (The University of Chicago Oriental Institute Publications; 3).
- DERCHAIN-URTEL, M-T. Vögel. In: HELCK, W; OTTO, E. (ed.). *Lexikon der Ägyptologie* (Stele-Zypresse). Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1986, p. 1044–1046. v. 6.
- DI BIASE-DYSON, C. Multiple dimensions of interpretation. Reassessing the Magic Brick Berlin ÄMP 15559. *Studien zur altägyptischen Kultur*, v. 43, p. 93-108, 2014.
- DI BIASE-DYSON, C; GLÖCKNER, M. *Abbreviation in the Ancient Egyptian medical texts* (no prelo).
- DIELEMAN, J. The materiality of textual amulets. In: BOSCHUNG, D; BREMMER, J. N. (ed.). *The materiality of magic* (Morphomata; 20). Paderborn: Wilhelm Fink, 2015, p. 23-58.
- DRIOTON, É. Un autel du culte Héliopolitain. In: BARTOLOMEO, N; TULLI, A. (ed.). *Miscellanea Gregoriana. Raccolta di scritti pubblicati nel I Centenario della fondazione del Museo Egizio (1839-1939)* (Monumenti, Musei e Gallerie Pontificie). Vaticano: Tipografia Poligrota Vaticana, 1941, p. 73-81.
- EDWARDS, I. E.S. *Oracular amuletic decrees of the Late New Kingdom*, I: text (Hieratic Papyri in the British Museum Fourth Series, 1). London: British Museum, 1960.
- GHALIOUNGUI, P. *Health and healing in Ancient Egypt: a pictorial essay*. Cairo: Dar al-Maaref, 1965.
- GHALIOUNGUI, P. *The House of Life: Per Ankh. Magic and Medical Science in Ancient Egypt*. Amsterdam: BM Israël, 1973.
- GOEDICKE, H. Symbolische Zahlen. In: HELCK, W; OTTO, E. (ed.). *Lexikon der Ägyptologie* (Stele-Zypresse). Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1986, p. 128-129. v. 6.
- GRAPOW, H. *Untersuchungen über die altägyptischen medizinischen Papyri*, v. 2 (Mitteilungen der vorderasiatisch-ägyptischen Gesellschaft v. 41; 2). Leipzig: J. C. Hinrichs, 1936.
- GRAPOW, H. *Von den medizinischen Texten* (Grundriss der Medizin der alten Ägypter; 2). Berlin: Akademie, 1955. (= Grundriss II)
- GRAPOW, H. *Kranker, Krankheiten und Arzt* (Grundriss der Medizin der alten Ägypter; 3]. Berlin: Akademie, 1956. (= Grundriss III)
- GRAPOW, H. *Die medizinischen Texte in hieroglyphischer Umschreibung autographiert* (Grundriss der Medizin der alten Ägypter; 5). Berlin: Akademie, 1958. (= Grundriss V)

- GRIFFITH, F. LI.; THOMPSON, H. (ed). *The Demotic Magical Papyrus of London and Leiden*. London: H. Grevel & Co., 1904.
- GRONS, A. The question of the effectiveness of Coptic pharmacological prescriptions. *Trends in Classics*, v. 13, n. 1, p. 122-153, 2021.
- HEVESI, K. The Coptic Medico-magical Text K 11088 from the Papyrus Collection of the Austrian National Library. *Journal of Coptic Studies*, v. 17, p. 55-83, 2015.
- IKRAM, S; DODSON, A. *The mummy in Ancient Egypt: equipping the dead for eternity*. London: Thames and Hudson, 1998.
- KEES, H. *Der Götterglaube im alten Ägypten*. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1941.
- KESSLER, D. Himmelsrichtungen. In: HELCK, W; OTTO, E. (ed.). *Lexikon der Ägyptologie* (Erntefest-Hordjedef). Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1977, p. 1213-1215. v. 2.
- KURTH, D. Treiben der vier Kälber. In: HELCK, W; OTTO, E. (ed.). *Lexikon der Ägyptologie* (Erntefest-Hordjedef). Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1986, p. 749-754. v. 2.
- LAPP, G. *The Papyrus of Nu (BM EA 10477)* (Catalogue of books of the Dead in the British Museum; 1). London: Trustees of the British Museum, 1997.
- LEITZ, C. *Magical and medical papyri of the New Kingdom* (Hieratic papyri in the British Museum; 7). London: Trustees of the British Museum, 1999.
- MASPERO, G. Études de mythologie et d'archéologie égyptiennes, v. 8 (Bibliothèque Égyptologique; 40). Paris: Ernest Leroux, 1892.
- MEYER, T; GRUPPE, H; FRANZ, M. Microsoft Access in der Analyse von Fragebögen und Interviews mit offenen Antwortformaten. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, v. 3, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0202206>>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- MUNRO, I. *Die Totenbuch-Handschriften der 18. Dynastie im Museum Cairo* (Ägyptologische Abhandlungen; 54). Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1994.
- NUNN, J. F. *Ancient Egyptian medicine*. London: University of Oklahoma Press, 1996.
- NYORD, R. Texts for healing and protection. In: SHAW, I; BLOXAM, E. (ed). *The Oxford Handbook of Egyptology*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 1039-1052.
- ORTNER, D. J. Trauma. In: ORTNER, D. J. (ed.). *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. Amsterdam: Academic Press, 2003, p. 119-177.
- PLIESS, G. Bewegungsapparat. In: DOERR, W. (ed.). *Organpathologie*, v. 3, 8. Stuttgart: Georg Thieme, 1974, p. 1-154.
- POMMERENING, T. Healing measures: *dja* and *oipe* in Ancient Egyptian Pharmacy and Medicine. In: COCKITT, J; DAVID, R. (ed.). *Pharmacy and medicine in Ancient Egypt: proceedings of the conferences held in Cairo (2007) and Manchester (2008)* (BAR International Series 2141). Oxford: Archaeopress, 2010, p. 132-137.

- RAVEN, M. J. Egyptian concepts on the orientation of the human body. *Journal of Egyptian Archaeology*, v. 91, p. 37-53, 2005.
- RÉGEN, I. When the Book of the Dead does not match archaeology: The case of the protective magical bricks (Spell 151). *British Museum Studies in Ancient Egypt and the Sudan*, v. 15, p. 267-278, 2010.
- REISNER, G. A. *The Hearst Medical Papyrus: Hieratic Text in 17 Facsimile Plates in Collotype with Introduction and Vocabulary*. Leipzig: J. C. Hinrich, 1905.
- RICHTER, T. S. Neue koptische medizinische Rezepte. *Zeitschrift für ägyptische Sprache und Altertumskunde*, v. 141, p. 154-194, 2014.
- ROCCATI, A. *Magica Taurinensia: Il grande papiro magico di Torino e i suoi duplicati* (Analecta Orientalia; 56). Roma: Gregorian and Biblical Press, 2011.
- RUFFER, M. A. *Studies in the Paleopathology of Egypt*. Chicago: The University of Chicago Press, 1921.
- SAXON ACADEMY OF SCIENCES (ed.). *Science in Ancient Egypt/Wissenschaft im alten Ägypten*. Disponível em: <<https://sae.saw-leipzig.de/en/>>. Acesso em: jan. 2022.
- SALIB, P. Trauma and disease of the post-cranial skeleton in ancient Egypt. In: BROTHWELL, D.R; SANDISON, A.T. (ed.). *Diseases in Antiquity*. Springfield: C. C. Thomas, 1967, p. 599-605.
- SCHIØDT, S. *Medical science in Ancient Egypt: a translation and interpretation of papyrus Louvre-Carlsberg (PLouvre E 32847 + PCarlsberg 917)*. 2021. Tese de Doutorado, University of Copenhagen, Copenhagen, 2021.
- SCHULTZ, M. Krankheit und Umwelt des vor- und frühgeschichtlichen Menschen. In: WENDT, H; LOACKER, N. (ed.). *Kindlers Enzyklopädie Der Mensch*. Zürich: Kindler, 1982, p. 259-312. v. 2.
- SCHULTZ, M. The biography of the wife of Kahai: a biological reconstruction. In: WOODS, A; McFARLANE, A; BINDER, S. (ed.). *Egyptian culture and society: studies in honour of Naguib Kanawati*. Cairo: Conseil Supreme des Antiquités de l'Égypte, 2010, p. 163-171 (Supplément aux Annales du Service des Antiquités de l'Égypte; 38).
- SCHULTZ, M; WALKER, R. Report on the Mummy of Djau, Governor of Upper Egyptian Provinces 8 and 12 (6th Dynasty). In: KANAWATI, N. (ed.). *Deir El-Gebrawi, III: The Southern Cliff. The Tomb of Djau/Shemai and Djau*. Warminster: Aris and Phillips, 2013, p. 64-78 (The Australian Centre for Egyptology Reports; 32).
- SCHULTZ, M. *et al.* Skeletal Remains II. Merinebti, Hefi and Iries. In: KANAWATI, N; ABDER-RAZIQ, M. (ed.). *The Teti Cemetery at Saqqara, VII: The Tombs of Shepsiptah, Mereri (Merinebti), Hefi and Others: The Teti Cemetery at Saqqara*. Warminster: Aris and Phillips, 2001, p. 65-74 (The Australian Centre for Egyptology Reports; 17).

- SCHULTZ, M. *et al.* Report on the skeleton of Ji-nfrt excavated from his mastaba in the north cemetery of Unis pyramid (5th Dynasty). In: KANAWATI, N; ABDER-RAZIQ, M. (ed.). *The Unis Cemetery at Saqqara, II: The Tombs of Iynefert and Ihy (reused by Idut)*. Oxford: Aris and Phillips, 2003, p. 75-86 (The Australian Centre for Egyptology Reports; 19).
- SETHE, K. *Hieroglyphische Urkunden der Griechisch-Römischen Zeit, I: Historisch-Biographische Urkunden aus den Zeiten der makedonischen Könige und der beiden ersten Ptolemäer* (Urkunden des Ägyptischen Altertums II; 1). Leipzig: J. C. Hinrich, 1904. (= Urkunden II)
- SETHE, K. *Die altaegyptischen Pyramidentexte nach den Papierabdrücken und Photographien des Berliner Museums*, I. Leipzig: J. C. Hinrich, 1908. (= Pyr. I)
- SETHE, K. *Die altaegyptischen Pyramidentexte nach den Papierabdrücken und Photographien des Berliner Museums*, II. Leipzig: J. C. Hinrich, 1910a. (= Pyr. II)
- SETHE, K. Untersuchungen über die ägyptischen Zahlwörter. *Zeitschrift für ägyptische Sprache und Altertumskunde*, v. 47, p. 1-39, 1910b.
- SETHE, K. *Von Zahlen und Zahlworten bei den alten Ägyptern und was für andere Völker und Sprachen daraus zu lernen ist. Ein Beitrag zur Geschichte von Rechenkunst und Sprache* (Schriften der Wissenschaftlichen Gesellschaft Straßburg; 25). Straßburg: Karl J. Trübner, 1916.
- STEINBOCK, R. T. *Paleopathological diagnoses and interpretation: bone diseases in Ancient human populations*. Springfield: C. C. Thomas, 1976.
- VON DEINES, H; GRAPOW, H; WESTENDORF, W. Übersetzung der medizinischen Texte. Erläuterungen (Grundriss der Medizin der alten Ägypter IV, 2). Berlin: Akademie, 1958. (= Grundriss IV, 2)
- VON DEINES, H; WESTENDORF, W. *Wörterbuch der medizinischen Texte* (Grundriss der Medizin der alten Ägypter; 7). Berlin: Akademie, 1961. (= Grundriss VII)
- WESTENDORF, W. *Handbuch der altägyptischen Medizin*, I-II (Handbuch der Orientalistik I, 36). Leiden: Brill, 1999.
- WILLEMS, H. *Chests of Life: a study of the typology and conceptual development of Middle Kingdom standard class coffins* (Mededelingen en Verhandelingen Ex Oriente Lux; 25) Leiden: Ex Oriente Lux, 1988.
- WRESZINSKI, W. *Der grosse medizinische Papyrus des Berliner Museums (Pap. Berl. 3038) in Facsimile und Umschrift mit Übersetzung, Kommentar und Glossar* (Die Medizin der alten Ägypter; 1). Leipzig: J. C. Hinrich, 1909.